

O Governo Sarney e a transição

José Genoíno Neto

09 SET 1985

Durante os longos meses que se passaram desde o início dos trabalhos até o final do primeiro turno das votações na Assembléia Constituinte, o Governo Sarney atribuía suas dificuldades, e também as do País, à incerteza que cercava o tempo de duração do seu mandato. Quantas vezes o Presidente foi à televisão, e ao "pé do rádio", para advertir aos "brasileiros e brasileiras" que forças poderosas tramavam contra ele e a Nação? Que pretendiam impedi-lo de concluir a missão de conduzir o Brasil para a democracia? Que apenas com os cinco anos assegurados ele estaria "livre" para governar e realizar sua obra?

Como é sabido, às custas de pressões e ameaças, barganhas e negociações, em suma, de autoritarismo e fisiologismo, e à revelia da esmagadora maioria da população brasileira, Sarney conquistou, vamos dizer, sua carta de alforria. E o resultado está aí, para quem quiser ver. Passados dois meses da aprovação dos cinco anos, só o que se sente, o que se enxerga e o que se fala é que a crise econômica aprofundou-se, e se expressa dramaticamente nos impasses da economia, na inflação acima de vinte por cento ao mês, no arrocho salarial, nos conflitos ministeriais, na decomposição política e moral desse Governo. Excetuando-se o círculo dos mais íntimos do Presidente e do Palácio do Planalto, e um rol de governistas de toda hora, são raros, muito raros, os que ainda ousam defender de público o Governo Sarney.

E há momentos na vida de um país nos quais os fatos adquirem, por assim dizer, uma eloquência própria, e se encarregam de desnudar o verdadeiro conteúdo das coisas. É plausível supor que vivemos um deles. Afinal, nenhuma explicação seria mais convincente so-

bre a real natureza do Governo Sarney do que, por exemplo, a sucessão de fatos relacionados com a recomposição ministerial, na qual se evidencia a verdadeira face deste Governo.

É preciso dizer mais alguma coisa para clarificar que o traço mais marcante desse Governo é uma particular combinação de reacionarismo, fisiologismo e mediocridade? Se fosse, bastaria discorrer sobre os seus atos e elencar o nome de mais alguns dos personagens que o compõem, onde se destacam figuras inexpressivas, burocratas e políticos com larga folha de serviços prestados a causas antipopulares e autoritárias. Mas não é, e não vale a pena insistir no óbvio. O rei está nu. Recebe o desprezo popular e, cada vez mais, perde a confiança das classes dominantes, e vê esfacelarem-se as suas tentativas de construir uma sólida base de sustentação político-parlamentar. E assim prosseguirá até o início de 1990.

Entretanto, é oportuno lembrar que esse Governo — que convencionaram chamar de Governo da transição democrática, mas que, mais propriamente, deve ser chamado de Governo da tradição burguesa-conservadora —, até não muito tempo atrás, era festejado em prosa e verso pela grande maioria das forças políticas, dos próceres da política brasileira, dos chamados eminentes homens de negócios, dos veículos de notícias e informações. Era o Governo da mudança. E os que, como nós do PT, o denunciavam desde o início, foram atacados e combatidos por todos os lados. As mudanças, como eram de se esperar, não vieram, o povo frustrou-se, o País mergulhou na crise, e os que até ontem louvavam o Governo Sarney, agora procuram apresentá-lo como um desvio na rota da transição.

Pois bem. De nossa parte,

queremos assinalar que não consideramos o Governo Sarney um desvio de rota, uma espécie de filho bastardo da transição. É antes uma sua legítima descendência. E com efeito, dessa transição urdida no colégio eleitoral da ditadura, transada entre os setores mais moderados e conciliadores da antiga oposição, expoentes do regime militar e avalizada por oficiais graduados e senhores do capital, não poderia sair coisa muito melhor. Aliás, neste particular, a atual transição não faz mais do que repetir, sob novos moldes, os elementos que compõem todas as "mudanças" operadas pelas "nossas" classes dominantes: acordos pelo alto, elitismo extremo, conservadorismo desmesurado. No caso atual, complementados pela trajetória ímpar do presidente bionico, convencido de ser um predestinado para alcançar a glória.

Não há, portanto, como fazer uma oposição conseqüente ao Governo Sarney sem estendê-la à transição que o engendrou. Sob pena de que, após esses dolorosos anos que sucederam os obscuros e longos anos de autoritarismo militar, tenhamos um outro período amargo, tendo à frente agora um novo filho dileto da transição, com um Governo diferente do de Sarney, mas nem tanto. É filho legítimo da transição e, ao mesmo tempo, a sua contradição é a sua crise.

A oposição ao Governo Sarney deve ser, ao mesmo tempo de denúncia à transição, condição para construirmos uma alternativa política à esquerda de massas com sentido socialista.

□ José Genoíno Neto (PT-SP) é deputado federal e vice-líder da bancada do partido na Constituinte.